

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A TRADUÇÃO  
DO VOCÁBULO “MORTE/DEATH”  
EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR  
TRADUZIDAS PARA A LÍNGUA INGLESA

Thereza Cristina de Souza Lima (UNINTER)  
[tcslicristina@gmail.com](mailto:tcslicristina@gmail.com)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo observar o comportamento de tradutores diferentes em face de fragmentos (re)aproveitados e semelhantes extraídos de duas obras de Clarice Lispector *A Descoberta do Mundo*, traduzida por Giovanni Pontiero como *Discovering the World, Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, traduzida por Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris como *An Apprenticeship or The Book of Delights*. Outro objetivo é identificar aspectos de normalização encontrados nas respectivas traduções desses fragmentos. A metodologia situa-se no campo dos Estudos da Tradução baseados em *corpus*, (proposta de Mona Baker, 1993, 1995, 1996, 1999, 2004; estudos sobre normalização de Maria Nélia Scott, 1998); pesquisas e projeto de Diva Cardoso de Camargo 2003a, 2003b, 2004, 2008), e no da Linguística de *Corpus* (estudos de Tony Berber Sardinha, 2004); também se apoia na fortuna crítica da autora (trabalhos de Nadia Battella Gotlib, 1993, 2009; Benedito Nunes, 1995; Afonso Romano de Sant’Anna, 1997; Nube Ruggero 2000; Olga de Sá, 2000; Arnaldo Franco Júnior, 2000; Célia Regina Ranzolin (1985), Claire Varin, 2002; e Lúcia Peixoto Chereem, 2003). A pesquisa foi realizada por meio de uma combinação de análises semi-manuais e de análises computadorizadas. Inicialmente, baseamo-nos na fortuna crítica de Clarice Lispector, para levantar vocábulos considerados fundantes da autora, entre os quais, para a presente comunicação, selecionou-se o vocábulo “morte”. A seguir, utilizou-se o programa *WordSmith Tools* para verificar se esse vocábulo seria recorrente e significativo sob a perspectiva da linguística de *corpus*. Com base em Maria Nélia Scott (1998), examinamos a tradução desse vocábulo em relação a aspectos de normalização. Os resultados finais encontrados nesta pesquisa apontam para maior tendência para normalização por parte de Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris em FM2 – *An Apprenticeship or the Book of Delights* do que de Giovanni Pontiero em FM1 – *Discovering the World*.

Palavras chave: Estudos da tradução. Linguística de *corpus*. Clarice Lispector. Morte

## 1. Introdução

Uma enorme parte de nossa experiência e conhecimento sobre outras culturas acontece por meio da tradução, sendo talvez, a literatura o mais claro exemplo em questão. Clarice Lispector é uma escritora de destaque em nossa literatura. Porém, é considerada enigmática, introspectiva, e aborda em uma linguagem belíssima, mas de difícil compreensão, temas como vida, a morte, o amor, o silêncio dentre outros.

A linguagem de Clarice Lispector é tão peculiar que, na visão de Alceu Amoroso Lima, “ninguém escreve como Clarice Lispector. Clarice Lispector não escreve como ninguém, só seu estilo mereceria um ensaio especial. É uma chave diferente a qual o leitor custa a adaptar-se” (1946, orelha do romance *O Lustre*).

Diante da referida “linguagem peculiar” e de difícil compreensão, faz-se necessária uma investigação a respeito das soluções apresentadas pelo tradutor Giovanni Pontiero ao traduzir, para o inglês britânico, as crônicas que Clarice Lispector escreveu e publicou no *Jornal do Brasil* entre 1967 e 1973, que compõem a obra *A Descoberta do Mundo*, nosso texto fonte 1 (TF1), cujo título Giovanni Pontiero traduziu como *Discovering the World*, nosso texto meta 1 (TM1). A mesma investigação também se faz necessária no romance *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, nosso texto fonte 2 (TF2), traduzido para o inglês americano por Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris com o título *An Apprenticeship or the Book of Delights*, nosso texto meta 2 (TM2).

É de valia observar que, como procedimento metodológico, os corpora de pesquisa foram escaneados e salvos em formato *TXT*, a fim de serem investigados por meio de uma combinação de análises semimanuais, com base na fortuna crítica da autora e análises computadorizadas, com base nos preceitos da linguística de *corpus*. Para tanto, usaram-se o software *WordSmith Tools*, versão 4, e as seguintes ferramentas: *Wordlist* e *Concordance*.

Também, é importante enfatizar que, com base na pesquisadora Célia Regina Ranzolin (UFSC, 1985), observamos que Clarice Lispector realiza um (re)aproveitamento de partes das crônicas de *A Descoberta do Mundo* no romance *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, ou, à maneira inversa, o (re)aproveitamento de partes de seu livro *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* nas crônicas de *A Descoberta do Mundo*. Nesses (re)aproveitamentos, a que nos referiremos como fragmentos, observamos deslocamentos, mudança de pronomes, reduções e ampliações de parágrafos, obedecendo ao fluxo irregular do discurso. Obviamente, isso acarreta mudanças substanciais para cada uma das respectivas traduções.

Observando mais detalhadamente a escritura clariciana constatamos a importância da repetição e da carga emocional que seus vocábulos preferenciais e palavras-chave acarretam. Indubitavelmente, a repetição está presente em várias partes da escritura clariciana, inclusive nos frag-

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

mentos (re)aproveitados que também constituem um tipo de repetição. Clarice Lispector é consciente desse processo enriquecedor de seu estilo e na visão de Olga de Sá (2000, p. 151), a escritora não tem medo da repetição. Assume-a realmente como uma técnica e um gosto pessoal “... a repetição me é agradável e repetição acontecendo no mesmo lugar termina cavando, pouco a pouco, cantilena enjoada, diz alguma coisa” (*Idem, ibidem*).

Outro aspecto importante da escritura clariciana refere-se a sua técnica de comunicar-se pelas entrelinhas: não se lê o que está nas linhas do texto, mas sim aquilo que se esconde entre elas. A autora usa as palavras para escrever e as entrelinhas para mostrar as verdades, o que dá lugar à interpretação do leitor e, em decorrência, no texto traduzido, à interpretação do tradutor. Na visão do pesquisador Aléxis Levitin, em palestra proferida na USP em 18 de setembro de 2003 a respeito do estilo de Clarice Lispector: “Palavras dão uma direção, mas não uma definição”. Esse jogo palavra/entrelinha remete-nos a Benedito Nunes (1995, p. 153) que, de maneira semelhante, refere-se às inversões e aos antagonismos claricianos, como, por exemplo, a “vida” e a “morte”, vocábulos-chaves, referentes e preferenciais da autora, investigados na presente pesquisa em relação aos aspectos de normalização propostos por Mona Baker (1993).

## **2. Estudos da tradução e linguística de corpus**

O termo latim “*corpus*” significa “corpo, conjunto de documento sobre determinado assunto” (dicionário *Larousse*, 1999, p. 270). Segundo Tony Berber Sardinha (2004, p. 3), estudos baseados em *corpus* existem desde a Antiguidade. Na Grécia Antiga, Alexandre o Grande definiu o *Corpus* Helenístico. Na Idade Média, produziam-se corpora de citações da Bíblia.

De acordo com Tony Berber Sardinha (2004, p. 3), durante o século XX houve muitos educadores como Edward Lee Thorndike (1921) e linguistas como Charles Carpenter Fries (1952) que se dedicaram à descrição da linguagem por meio de *corpora*. A ênfase, porém, era para o ensino de línguas. Atualmente, a linguística de *corpus* enfoca, principalmente, a descrição de linguagem e não tanto pedagogia.

Nos anos sessenta, a criação do primeiro *corpus* linguístico eletrônico, o *Brown University Standard Corpus of Present-day American*

*English* possibilitou não apenas maior capacidade de armazenamento como também o acesso de mais pesquisadores ao processamento de linguagem natural.

A necessidade de *corpus* para o estudo da língua e da tradução parece, de maneira geral, partir da variação intrainterlinguística. Como enfatiza Luiz Antônio Marcuschi:

A língua, sabidamente, não é um conjunto de rotinas e sim um contínuo muito diversificado e complexo de atividades sociointerativas pelas quais os indivíduos em condições específicas produzem sentidos públicos partilháveis. Portanto, inerente a todas as línguas humanas, a variação é incontornável e torna condição necessária a utilização de corpora linguísticos por parte de quem se dedica ao estudo de atividades linguísticas situadas. (MARCUSCHI, 2001, *apud* CAMARGO, 2003, p. 77)

O valor de um *corpus* como um lugar de referência tende a crescer cada vez mais nos próximos anos, uma vez que “mais e mais pessoas [...] estão começando a perceber que um *corpus*, como uma amostra da língua viva, acessada por computadores sofisticados, abre novos horizontes”.<sup>43</sup> (SINCLAIR, 1991, p. 14)

Em virtude da existência de estudos baseados em *corpus* manual, como, por exemplo, os estudos de Edward Lee Thorndike (1921) e de estudos baseados em corpora eletrônicos como os de Mona Baker (1993, 1995, 1996, 1999, 2000), há diferentes conceituações do termo “*corpus*”. Cabe aqui apresentarmos algumas definições, a fim de estabelecer qual delas dará sustentação a nossa forma de investigação.

John Sinclair apresenta duas definições de *corpus* que se tornaram bastante conhecidas:

- Uma coletânea de textos naturais, escolhidos para caracterizar um estado ou variedade de linguagem<sup>44</sup> (SINCLAIR, 1991, p. 171);
- Uma coletânea de porções de linguagem que são selecionadas e organizadas de acordo com critérios linguísticos explícitos a fim de serem usadas como uma amostra de linguagem. (SINCLAIR, 1996, p. 4, *apud* SARDINHA, 2004, p. 17) Devido à definição

---

<sup>43</sup> More and more people [...] are coming to realize that a *corpus*, as a sample of the living language, accessed by sophisticated computers, opens new horizons.

<sup>44</sup> A *corpus* is a collection of naturally occurring language text, chosen to characterize a state or variety of a language [tradução de Tony Berber Sardinha]

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

de Sanchez, a seguir, incorporar as características principais para a compilação de *corpus* eletrônico, Tony Berber Sardinha considera-a uma das mais completas:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extenso em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise. (SANCHEZ, 1996, p. 8-9, *apud* SARDINHA, 2004, p. 18)

Outra definição de *corpus* voltada para o exame por meio de ferramentas computacionais é a de Mona Baker (1995 p. 225). Por envolver a observação de textos traduzidos, é a que adotamos para a nossa pesquisa:

*Corpus*, agora significa fundamentalmente uma coletânea de textos que permitam leitura em formato eletrônico e que possibilitem análises processadas automaticamente em diversos modos; um *corpus* [...] inclui tanto textos falados como escritos e um *corpus* pode incluir um grande número de textos provenientes de várias fontes, produzidos por muitos escritores e falantes e sobre uma variedade de tópicos [...] reunidos por uma finalidade específica e de acordo com critérios explícitos quanto ao seu desenho [...] representativo de uma dada área.<sup>45</sup> (BAKER, 1995, p. 225)

De acordo com Mona Baker (1995, p. 231), os corpora utilizados para pesquisa em tradução podem ser: 1) Paralelos: consistem de textos originais numa LF (língua fonte) e as respectivas traduções numa LM (língua materna); 2) Multilíngues: compreendem conjuntos de dois ou mais *corpora* monolíngues em diferentes línguas que permitem estudar os itens e os traços linguísticos no ambiente da língua tal como produzida originalmente; 3) Comparáveis: consistem de dois conjuntos de textos em uma mesma língua, um composto de textos originais e outro de textos traduzidos para língua em questão, a partir de uma única fonte ou de diversas fontes.

Mona Baker (1995, p. 231) afirma que as contribuições mais importantes do *corpus* paralelo para a disciplina estudos da tradução são: o apoio à mudança de ênfase da prescrição para a descrição; a possibilida-

---

<sup>45</sup> *Corpus* now means primarily a collection of texts held in machine-readable form and capable of being analysed automatically in a variety of ways; a *corpus* [...] includes spoken as well as written text, and a *corpus* may include a large number of texts from a variety of sources, by many writers and speakers and on a multitude of topics [...] put together for a particular purpose and according to explicit design criteria [...] representative of the given area.

de de estabelecer-se, objetivamente, como os tradutores superaram, na prática, as dificuldades existentes no ato tradutório; o possível uso dessa evidência no fornecimento de modelos reais para futuros tradutores; e, sobretudo, para a pesquisadora este tipo de *corpus* desempenha um papel crucial na exploração de normas de tradução em contextos socioculturais e históricos.

Empregaremos, nesta investigação, dois corpora paralelos, por serem os mais indicados para a nossa pesquisa.

Nos últimos anos, a emergência de um enfoque descritivo nos estudos da tradução impulsionou pesquisas sobre a natureza da tradução como um fenômeno *sui generis*. É inegável a relevância e a influência de Mona Baker (1993, 1995, 1996, 1999, 2000) nessa área, com a proposta de utilizar princípios, técnicas e ferramentas da linguística de *corpus* para entender o que realmente acontece no processo de tradução, ou seja, ao invés de criticar e avaliar traduções, o pesquisador busca a identificação de regularidades no texto traduzido que forneçam evidências de características recorrentes da tradução.

Na visão de Sara Laviosa,

Estudos da Tradução baseados em *corpus* representam uma área de pesquisa que está atraindo um número crescente de pesquisadores entusiastas que acreditam firmemente no potencial dessa área para informar projetos bem elaborados realizados no mundo todo e para reconciliar a pluralidade de necessidades e interesses dentro da disciplina.<sup>46</sup> (LAVIOSA, 2002, p. 33)

O arcabouço teórico-metodológico principal da nossa investigação baseia-se na proposta de Mona Baker para o estudo de padrões apresentados pelo texto traduzido. Por sua vez, ao recorrermos também à linguística de *corpus*, não estamos apenas usando sua metodologia como instrumental, mas, na presente pesquisa, vamos além, pois valemo-nos de um conjunto de pressupostos de caráter teórico para descrever o comportamento dos vocábulos recorrentes e dos colocados a eles associados com maior frequência, presentes em nas obras em pauta e nas respectivas traduções.

Na visão de Mona Baker (1999, p. 287), os estudos da tradução baseados em *corpus* tornaram-se um novo paradigma na área, atraindo,

---

<sup>46</sup>*Corpus-based Translation Studies* represent an area of research that is attracting a growing number of enthusiastic scholars who genuinely believe in its potential for informing well thought-out projects throughout the world and for reconciling the plurality of needs and interests within the discipline.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

por isso, a atenção de teóricos de valor, estejam eles envolvidos em pesquisas baseadas em *corpus* ou não. Esse novo paradigma possibilita, “a identificação de tipos de comportamento linguístico que são específicos de textos traduzidos [...] os quais são gerados pelo processo de mediação durante a tradução.”<sup>47</sup> (BAKER, 1996, p. 178)

De acordo com a teórica, há quatro características que não são resultado da interferência de sistemas linguísticos específicos, e ocorrem tipicamente em textos traduzidos, mas não em textos originais. Essas categorias correspondem a traços de explicitação, simplificação, estabilização, e normalização ou conservacionismo:

- a) **Explicitação:** Tendência do tradutor em tornar a linguagem mais explícita, mais clara para o leitor do texto traduzido. Essa característica mostra-se coerente com o fato de os textos traduzidos serem, em média, 10% mais longos que os textos originais. A explicitação pode ser expressa sintática e lexicalmente, por exemplo, quanto ao uso frequente nos textos traduzidos de conjunções e locuções explicativas, como “isto é”, “ou seja”, dentre outras.
- b) **Simplificação:** Tendência do tradutor em simplificar a linguagem usada na tradução, ou seja, tornar a leitura mais fácil (não necessariamente mais explícita) para o leitor. O uso de vocabulário menos variado pode ser um traço de textos traduzidos e também de textos direcionados para falantes não nativos de uma língua, a fim de torná-los mais fáceis de serem processados pelo leitor. Além disso, a simplificação envolveria a substituição de ambiguidades existentes nos TFs, de modo a torná-los mais precisos nos TMs.
- c) **Estabilização:** Tendência em encontrar um equilíbrio, não empregando de modo exagerado, características da linguagem do texto original nem características da linguagem do texto traduzido. Nesse sentido, a tradução, independentemente das línguas de origem e de chegada, localizar-se-ia no centro de um contínuo, evitando-se os extremos. Manifestações podem ser encontradas, por exemplo, na tendência de os tradutores empregarem a norma

---

<sup>47</sup> To identify types of linguistic behaviour which are specific to translated text, [...] which are generated by the process of mediation during translation.

culta para marcas da linguagem oral utilizadas pelo autor ao caracterizar determinados personagens.

- d) Normalização ou Conservacionismo: “Tendência em exagerar características da língua materna, adaptando-as a seus padrões típicos”<sup>48</sup> (BAKER, 1996, p. 183). Comenta Tony Berber Sardinha que na normalização há uma minimização dos aspectos criativos ou menos comuns da língua fonte. O exame de escolhas lexicais na língua fonte e a comparação com opções dos tradutores na língua materna podem revelar aspectos de normalização, se indicarem, por exemplo, que as escolhas mais criativas no texto original foram traduzidas por outras menos marcadas no texto traduzido (SARDINHA, 2004, p. 18). A normalização poderia ser observada em investigações envolvendo *corpus* paralelo quando as traduções apresentarem uma frequência menor de características criativas ou não usuais nos TMs do que se esperaria encontrar em relação à criatividade lexical presente nos TFs. A normalização lexical, ou seja, a normalização ao nível de palavras individuais ou de colocações<sup>49</sup> tem sido analisada por vários pesquisadores. O fenômeno da colocação foi introduzido por Firth e explicado por sua famosa frase: “uma palavra deve ser julgada por sua companhia”.<sup>50</sup> (FIRTH 1957, *apud* SARDINHA, 2004, p. 41)

Entre os pesquisadores que estudaram a normalização lexical, destacamos Ria Vanderauwera (1985) que observou traduções de obras da ficção holandesa para a língua inglesa e pôde constatar que os tradutores demonstram certa “reserva ao traduzir imagens incomuns [...] e opções de palavras pouco usuais no texto de chegada”.<sup>51</sup> (VANDERAUWERA, 1985, p. 108)

No entanto, aspectos de normalização não existem apenas em nível lexical. Mona Baker (1996, p. 183) supõe que essa tendência seja possivelmente influenciada pelo status da língua fonte e da língua mater-

---

<sup>48</sup> [...] tendency to exaggerate features of the target language and to conform to its typical patterns.

<sup>49</sup> “Colocação tem sido o nome dado à relação que um item lexical tem com itens que aparecem com probabilidade significativa no seu contexto (textual)” (PARTINGTON, 1998, p. 16-7, *apud* SARDINHA, 2004, p. 41)

<sup>50</sup> [...] you shall judge by the company it keeps.

<sup>51</sup> [...] reserve in rendering unusual [...] imagery and word choice in the target text.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**  
**XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

na, dado que, quanto mais alto for o *status* da língua fonte, menor seria a tendência à normalização. Na visão da teórica, os aspectos de normalização são mais evidentes no uso de estruturas típicas gramaticais, na pontuação e nos padrões de colocação. Em outras palavras, expressões típicas da língua fonte são substituídas por expressões mais frequentes e mais regulares na língua materna, como aconteceu com as traduções analisadas por Ria Vanderauwera do holandês para o inglês.

Outra pesquisadora foi a brasileira Maria Nélia Scott em tese apresentada à Universidade de Liverpool (1998), que analisou a tradução literária, mais especificamente aspectos de normalização no romance *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, traduzido por Giovanni Pontiero. Baseando-se nos estudos de Mona Baker (1992, 1993), Maria Nélia Scott utiliza o termo normalização para referir-se “a opções feitas pelo tradutor, algumas vezes consciente, outras inconscientemente, ao traduzir características textuais idiossincráticas, de tal modo que elas se adaptem à forma e à norma da língua e cultura de chegada”<sup>52</sup> (SCOTT, 1998, p. 112). Sugere Maria Nélia Scott (1998, p. 3) que vários aspectos de normalização podem ocorrer no nível da microestrutura e afetar a macroestrutura do romance. A sua opção pela referida pesquisa foi ocasionada pela impressão de que a obra clariciana em questão, traduzida para o inglês, era de mais fácil compreensão que a obra original, considerada por Maria Nélia Scott como “fragmentada, incompleta, vaga e ambígua”.<sup>53</sup> (*Idem, ibidem*, p. 265)

Com base em Maria Nélia Scott (1998), selecionamos dois itens para exame, em relação ao vocábulo morte/*death* e à sua normalização: metáfora incomum e acréscimo/omissão.

Metáfora incomum:

---

<sup>52</sup> [...] the translators sometimes conscious some times unconscious, rendering of idiosyncratic text features in such a way as to make them conform to the form and norm of the target language and culture.

<sup>53</sup> [...] fragmented, incomplete, vague an ambiguous.

FF1 fragmento fonte 1, extraído de *A Descolberta do mundo*

FM1 fragmento meta 1, extraído de *Discovering the World*

FF2 fragmento fonte 2, extraído de *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*

FM2 fragmento meta 2, extraído de *An apprenticeship or the book of delights*

- **FF1-** A humanidade lhe era como uma **morte eterna** que no entanto não tinha o alívio de **enfim morrer**. Nada, **nada morria** na tarde enxuta, nada apodrecia.
- **FM1-** *She saw humanity as an **eternal death** still awaiting the respite of **finally dying**. Nothing, **nothing was dying** on that arid evening, nothing was rotting.*
- **FF2-** A humanidade lhe era como **morte eterna** que no entanto não tivesse o alívio de **enfim morrer**. Nada, **nada morria** na tarde enxuta, nada apodrecia.
- **FM2-** *Being human was to her like an **unending death** without the **final relief of death**. Nothing, **nothing was dying** on that dry afternoon, nothing was decaying.*

No exemplo, a autora repete a ideia da “morte” com a utilização das expressões “morte eterna”, “enfim morrer” e “nada morria”. Observamos que no FM2, Giovanni Pontiero usa a forma nominal, ou seja, o gerúndio “finally dying” em substituição ao substantivo “death”. Quanto ao tempo verbal, ambos os tradutores utilizam o “past continuous, was dying” para o correspondente pretérito imperfeito do indicativo “morria” usado no TF. A ideia de durabilidade, enfatiza ainda mais a ideia de “morte”, tão presente nos respectivos fragmentos acima. As mudanças que ocorreram nesses exemplos poderiam ser consideradas características de normalização, objetivando facilitar a compreensão do leitor na língua materna.

#### Omissão/Acréscimo

- **FF1-** [...] faze com que ele sinta que a **morte** não existe porque na verdade já estamos na eternidade, faze com que ele sinta que amar é não **morrer**, que a entrega de si mesmo não significa a **morte**.
- **FM1-** [...] *reassure him that **death** does not exist and that we are already part of eternity, convince him that to love is to survive, that to submit is not the same as **dying**.*
- **FF2-** [...] faze com que eu sinta que a morte não existe porque na verdade já estamos eternidade, faze com que eu sinta que amar é não morrer, que a entrega de si mesmo não significa a morte.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

- **FM2-** [...] *make me feel that Your hand is in mine, make me feel that death doesn't exist because in reality we're already in eternity, make me feel that to love is not to die, that giving one's self doesn't mean death*

A autora, no FM1, emprega o modo imperativo “faze com que ele sinta”, Giovanni Pontiero, no FM1 também emprega o modo imperativo “*reassure him*”; porém não passa o sentido de percepção da morte presente no FP1 pela omissão do verbo “sentir”, presente no FF1. A autora enfatiza que “a entrega de si mesmo não significa a morte”; Giovanni Pontiero, contudo, optou por omitir a ênfase e o pronome reflexivo (“si mesmo”), utilizando apenas “*to submit is not the same as dying*”.

Por outro, lado os tradutores no FM2 optam por uma tradução mais literal, na qual empregam tanto o verbo “sentir” (“*feel*”) quanto o pronome reflexivo (“*one's self*”). Poderíamos considerar as opções de Giovanni Pontiero no FM1 como tentativas de normalização visando facilitar a compreensão do leitor na língua materna.

### 3. *Considerações finais*

Uma análise mais abrangente dos exemplos mencionados no presente estudo leva-nos a supor que ambos os tradutores apresentam certa tendência à normalização. Porém, considerando a liberdade de cada tradutor, notamos que as características de normalização estão interligadas ao estilo de cada profissional da tradução. Contudo, os fatores que diminuem a dificuldade e normalizam os textos traduzidos não podem ser reduzidos à metáfora incomum, omissão e/ou acréscimo. É preciso levar em conta a combinação e o acúmulo destes fatores e o tipo de texto em questão. Assim, a normalização é identificada mecanicamente, mas é o produto de uma combinação de fatores, que incluem, além da liberdade do tradutor aspectos de contexto e tipos de texto.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKER, Mona. *Corpus Linguistics and translation studies: implications and applications*. In: BAKER, Mona; FRANCIS, Gill; TOGNINI-BONELLI, Elena. (Eds.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins, 1993. Disponível em: <<http://wenku.baidu.com/view/5026f028cfc789eb172dc82c.html>>.

\_\_\_\_\_. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, vol. 7, 2, p. 223-243, 1995.

\_\_\_\_\_. *Corpus*-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering*, in honour of Juan C. Sager. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996.

\_\_\_\_\_. Linguística e estudos culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos estudos da tradução? In: MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. (Org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p. 15-34.

\_\_\_\_\_. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, vol. 12, n. 2, 2000. Disponível em: <<https://hathanhhai.files.wordpress.com/2012/11/towards-a-methodology-for-investigating-the-style-of-a-literary-translator.pdf>>.

\_\_\_\_\_. A *corpus*-based view of similarity and difference in translation. In: ARDUINI, Stefano; HODGSON, Robert. *Translating similarity and difference*. Manchester: St. Jerome, (2004).

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

CAMARGO, Diva Cardoso de. *Contribuição para uma tipologia da tradução: as modalidades tradutórias no texto literário*. 1993. Tese (de Doutorado em Tradução). – FFLCH/USP, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Análise de um corpus paralelo de textos ficcionais brasileiros e dos respectivos textos traduzidos para o inglês: uma investigação sobre o estilo do tradutor literário Gregory Rabassa*. 2003a. Pesquisa realizada para estágio pós-doutoral em Tradução e Linguística de *Corpus*, junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada a Estudos da Linguagem – LAEL, PUC-SP, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Análise de um corpus paralelo de textos ficcionais brasileiros e dos respectivos textos traduzidos para o inglês: uma investigação sobre o estilo do tradutor literário Giovanni Pontiero*. 2003b. Pesquisa realizada para estágio pós-doutoral em Estudos da Tradução baseados em *corpus*, junto ao Centre for Translation and Intercultural Studies – CTIS, The University of Manchester, Inglaterra.

\_\_\_\_\_. *Padrões de estilo de tradutores – PETra: investigação em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. 2004. Projeto

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

de pesquisa apresentado como requisito parcial para aprovação do Plano Trienal para o triênio 2004-2006, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP/SJRP.

CHEREM, Lúcia Peixoto. *Um olhar estrangeiro sobre a obra de Clarice Lispector: leitura e recepção da autora na França e no Canadá (Quebec)*, 2003. Tese (de Doutorado em Letras). – Universidade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

FRANCO JÚNIOR, Arnaldo. *Mau gosto e Kitsch em Clarice Lispector e Dalton Trevisan*. 2000. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, São Paulo.

FRIES, Charles Carpenter. *The Structure of English: an introduction to the construction of English sentences*. New York: Harcourt, Brace, 1952.

GOTLIB, Nadia Battella. *Clarice Lispector: a vida que se conta*. 1993. (Texto apresentado ao concurso para Livre-Docência em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Clarice fotobiografia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.

LAVIOSA, Sara. *Corpus-based Translations Studies: Theory, Findings, Applications*. Amsterdam: Rodopi, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1969.

\_\_\_\_\_. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, [1984], 1987, 1999.

\_\_\_\_\_. *Discovering the World*. Trad.: Giovanni Pontiero. Manchester: Carcanet Press, 1992.

\_\_\_\_\_. *An Apprenticeship or The Book of Delights*. Trad.: Richard A. Mazzara e Lorri A. Parris, Austin: University of Texas Press, 1986.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

RANZOLIN, Célia Regina. *Clarice Lispector cronista: no Jornal do Brasil (1967-1973)*. Santa Catarina, 1985. Dissertação (Mestrado em Li-

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

teratura Brasileira). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RUGGERO, Nube. *O olhar feminino nas crônicas de Maria Judite e Clarice Lispector*. São Paulo: 2000. Dissertação (Mestrado em Estudo Comparados em Literatura de Língua Portuguesa). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

SINCLAIR, John. *Corpus, Concordance, Collocation*. Hong Kong: Oxford University Press, 1991.

SCOTT, Maria Nélia. *Normalisation and Reader's Expectation: A Study of Literary Translation with Reference to Lispector's A Hora da Estrela*. Liverpool: 1998, 318f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de Liverpool. Liverpool.

THORNDIKE, Edward Lee. *Teacher's Workbook*. Nova York: Columbia Teachers College, 1921.

VANDERAUWERA, Ria. *Dutch novels translated into English*. Amsterdam: Rodopi, 1985.

VARIN, Claire. *Línguas de fogo. Ensaio sobre Clarice Lispector*. 1. ed. Trad.: Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Limiar, 2002.